

Daniel Munduruku: "Saber indígena não se dobra"

O autor indígena recebeu o Prêmio Érico Vannucci das mãos do presidente do CNPq, Erney Camargo, e foi elogiado por Marta Vannucci, idealizadora da distinção para obras voltadas à preservação da cultura brasileira. A cerimônia ocorreu em 18 de julho, durante a 55ª Reunião Anual da SBPC, quando foi também entregue o Prêmio José Reis de Divulgação Científica, categoria Institucional, à Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul.

JORNAL da CIÊNCIA
 PUBLICAÇÃO DA SBPC • 1 DE AGOSTO DE 2003 • ANO XVIII Nº 510

Daniel Munduruku disse ao *JC* que o índio sempre foi objeto da ciência e agora precisa tornar-se sujeito da ciência. Para tanto, ele propôs a inclusão do conhecimento indígena no programa das Reuniões Anuais da SBPC. O presidente da SBPC, Ennio Candotti, acolheu a proposta com entusiasmo e lembrou que em algumas Reuniões anteriores já tiveram eventos sobre o conhecimento indígena, como o uso de plantas medicinais, apresentado no encontro de Salvador, em 2001.

O Prêmio Érico Vannucci Mendes foi criado em 1988 pela mãe de Érico, Marta Vannucci, após o falecimento do filho, em 1986. Seu objetivo é dar continuidade ao trabalho de Érico em prol da cultura nacional. Destinado a agraciado autores de estudos sobre a cultura brasileira, tendo em vista preservar a memória cultural das minorias étnicas e sociais, o Prêmio é promovido pelo CNPq e Ministério da Cultura, com o apoio da SBPC.

Presentes no ato de entrega do Prêmio Érico Vannucci o presidente do CNPq, Erney Camargo; o presidente e a ex-presidente da SBPC, Ennio Candotti e Glaci Zancan; o vice-reitor da UFPE, Yoni Sampaio, e a delegada regional do Ministério da Cultura no Recife, Tarciana Portela, e Marta Vannucci.

A fala de Daniel Munduruku - Eis o seu discurso, intitulado "Os Movimentos do Saber Indígena":

"Boá tarde, senhores e senhoras aqui presentes. Meu muito especial cumprimento ao CNPq, por ter reconhecido nosso trabalho de divulgação da cultura nacional, à SBPC, e um especialíssimo cumprimento à d. Marta Vanucci pela ousadia da iniciativa. Creio que não será preciso dizer da minha alegria por estar aqui, recebendo este reconhecimento. Não apenas por ser um escritor que ama este país e que quer dar sua contribuição ao seu desenvolvimento cultural, mas e especialmente, como indígena saído da floresta, e procurando cumprir uma promessa que um dia fiz sobre o túmulo de meu velho avô. Dizia, naquela ocasião, que a sabedoria que dele havia herdado, buscaria lançar sobre o povo brasileiro; na tentativa ingloria de fazer este nosso povo olhar para sua história e (re)encontrar suas raízes ancestrais, encontrar a si mesmo espelhado na face dos ancestrais indígenas. É com esse espírito que tenho escrito meus livros,

contado, minhas histórias, participado do movimento indígena, desenvolvido meu pensamento. E com esse mesmo espírito que me encontro diante deste público para dizer do meu orgulho de ser indígena, orgulho que me foi forjado pela dúvida, pela discriminação, pela exclusão que sofrem os mais de 200 povos indígenas que habitam a Terra Brasil. Lançando um olhar sobre o que ocorre nos dias atuais, eu acredito que não haja no Brasil hoje um movimento indígena organizado, coeso, coerente. Não que se pode imitar dos *pariwat* — como são chamados, na língua Munduruku, os não-indígenas — houve tentativas, nem sempre bem-sucedidas de organizar os nativos em associações, cooperativas, entidades não-governamentais, entre outras. Tais tentativas, bastante válidas e coerentes em seus objetivos, repetiam, em gênero e grau o pensamento ocidental, quadrado, excludente e, sobretudo, capitalista. E este pensamento não é o mesmo das sociedades indígenas que não costumam separar sagrado e profano.

O pensamento circular não coube, assim, no pensamento quadrado, mas o pensamento quadrado quis adaptar o circular para que coubesse em si. Conclusão: o movimento indígena — também circular por força dos cantos dos pajés ao som dos maracás — não aconteceu.

E não acontecerá enquanto for regido pelas leis cartesianas da organização. Pois foi justamente por ter sido um pensamento que não se sujeitou às lógicas do poder ocidental, que sobreviveu teimosamente até nossos dias. Mas, se não existe um movimento indígena, o que existe no Brasil? Ouso afirmar que o que existe é um saber em movimento; um saber que não se dobra à logicidade rígida e quadrada que tem conduzido nossa sociedade brasileira; uma lógica cruel que não permite a existência do diferente, do circular, do não-capitalista. Há, portanto, um saber que circula por nosso país e que vem, aos poucos, oferecendo a outra face ao Brasil. E vem de todas as direções ao mesmo tempo, para criar impacto e lembrar nossa existência a todas as pessoas.

Engana-se, porém, quem

achar que será de forma mágica ou mágica simplesmente. Ao contrário: é um saber que vem de mansinho, sutilmente, deixando marcas deixando rastros, se fazendo presente...

Foram estas marcas, deixadas pelos primeiros expoentes do pensamento circular indígena, que são seguidas pelas organizações criadas e dirigidas por profissionais de diferentes etnias. Penso em nomes como Ajuricaba; em tempos antigos e em Mário Juruna; Angelo Kretã, Marçal Tupã Y, Daniel Cabixi (primeiro autor indígena cujos textos tive contato), Alvaro Tucano, Marcos e Jorge Terena, Ailton Krenak, Davi Yanomami, em tempos intermediários e mais recentemente Chiquinha Pare-si, Jecinaldo Sate-rê, Lúcia Fernanda Kaigang, Vilmar Guarani, Siridiwê Xavante, Paulo Mercureu Bororo, entre tantos e tantos nomes que estão à frente do novo saber em movimento.



Estes nomes, lembrados juntamente com tantos outros que não foram mencionados, estão presentes em todos os setores da sociedade brasileira, buscando dar sua contribuição: na saúde, na educação, na agricultura, na pecuária, na administração pública; na propriedade intelectual; na cultura material, nas Universidades e na literatura. E é com este último tópico que gostaria de encerrar minha fala.

Os movimentos do saber indígena se fazem presentes também na literatura. E não começou comigo. E não irá parar em mim. Se por muitos anos, o indígena era apenas personagem dos contos, histórias e ficções do não-indígena; de um tempo para cá, ele passou a ser protagonista da história, da sua própria história. Ele começou a criar e a oferecer para os *pariwat* seu próprio ponto de vista sobre a realidade em que vive.

Ele passou a descrever o Brasil sob sua ótica. É claro que para isso teve que aprender os mecanismos utilizados pela sociedade envolvente, teve que usar a tecnologia a seu serviço, teve que, em alguns casos, cursar uma Universidade, participar de cursos, aprender a língua portuguesa e, sobretudo, aprender a escrever sua tradição oral na forma escrita, para que pudesse se fazer compreender por todos os cidadãos. Este processo não

foi tranquilo. Pelo contrário, em muitas ocasiões este autor deparou com a dúvida, com o medo, com a indecisão e com o receio de estar congelando a tradição, paralisando a dinâmica da oralidade.

E por mais que tentasse justificar, sempre deparava com a angústia e com a dificuldade de compreender um processo irreversível. Muitas das dúvidas eram levantadas por pessoas de grande conhecimento no pensamento quadrado ocidental. Estamos no bom caminho?

Não seria a literatura um meio de destruir a cultura? Não estaríamos antecipando a destruição de nossa gente? Com todas estas questões em mente, voltei ao lugar onde me aceitei índio. Voltei à fonte. Fui ouvir o rio. Sentei-me no lugar onde, um dia, meu avô colocou-me para aprender a escutar. Lá, sozinho, fiz as mesmas perguntas ao velho avô e ouvi a mesma resposta de 30 anos atrás: se o rio parasse diante dos obstáculos, ele nunca contemplaria a beleza do mar. Para mim, isso foi o bastante para convencer-me de que a literatura era um caminho novo a ser construído e que por ela poderia passar o movimento do saber literário, um braço novo do saber em movimento.

Desse dia em diante, nunca mais duvidei, e descobri que estava abrindo uma picada na floresta da cidade para que outros parentes passassem, sempre seguindo as palavras da sabedoria da nossa gente que diz que o caminho mais seguro é aquele que já foi pisado muitas vezes... Mas é importante que se diga: alguém tem que começá-lo. Ao estar aqui, hoje, neste evento de grande repercussão nacional e internacional, recebendo um prêmio pelo conjunto de minha pequena produção literária, sinto que estou criando um caminho para que outros parentes indígenas possam trilhá-lo também.

Penso, sobretudo, que estou trilhando um caminho que meus antepassados foram pisando, arando, desbravando, desmatando para que eu pudesse pisá-lo com segurança. É a eles que dedico este prêmio... Foram eles que me fizeram... São eles que me direcionam e são eles, sobretudo, que me inspiram e me dão o tom das palavras.

Meu muito obrigado ao pessoal do CNPq, à SBPC, em especial à Rita de Cássia que teve uma paciência tremenda comigo e à d. Marta Vanucci pelo olhar materno que dispensou a mim."